

ESTRATÉGIAS REFERENCIAIS NOS COMENTÁRIOS DE ARNALDO JABOR: A CONSTRUÇÃO DAS MANIFESTAÇÕES E DOS MANIFESTANTES

Monique Alves Vitorino (UFPE)
moniquevitorino@gmail.com

Introdução

O campo de estudos da *referenciação*, pertencente aos domínios da Linguística Textual, é amplo e bem consolidado no Brasil. Igualmente amplo é o seu escopo, que parte de uma perspectiva sociocognitiva e interativa de linguagem e de língua para explicar um processo criativo, isto é, não atrelado apenas a relações de ligação dadas na superfície textual. Assim, tomando linguagem como interação social, língua como atividade histórica, cognitiva e social – “instrumento simbólico para dizer o mundo e agir sobre ele” (RONCARATI, 2010, p. 48) – e texto como evento em que convergem ações linguísticas e sociocognitivas, a teoria da referenciação oferece meios para quem intenciona entender como os sujeitos constroem *objetos-de-discurso* e sentidos na medida em que se constituem no/pelo discurso.

A partir desses pressupostos, e entendendo que “as formas de referenciação, bem como os processos de remissão textual que se realizam por meio delas, constituem escolhas do sujeito em função de um querer-dizer” (KOCH, 2013, p. 35) – daí falar-se em *estratégias* – este trabalho objetiva analisar dois comentários do colunista Arnaldo Jabor, proferidos no Jornal da Globo por ocasião das manifestações ocorridas em todo o país durante e depois do mês de junho de 2013. Para tanto, tomamos por base o modelo de identificação de *cadeias referenciais* apresentado por Roncarati (2010), a fim de descobrirmos quais são as *estratégias de referenciação* de que o produtor lança mão para (re)construir os objetos-de-discurso “manifestações” e “manifestantes”, interpretando-as com base em Koch (2006; 2013), Marcuschi (2007; 2008), Mondada e Dubois (2003), entre outros.

1. A referenciação

Como atividade discursiva, a referenciação é um processo criativo e colaborativo que emerge de práticas simbólicas e sociais. Tal processo ocupa papel central “na construção do mundo de nossas vivências” (MARCUSCHI, 2007, p. 69), isto é, por meio da referenciação dá-se forma e identidade a coisas, eventos, relações, estados de espírito etc., criando-se os *objetos-de-discurso*.

Com o advento das concepções sociocognitivas nos estudos da linguagem, houve uma mudança de foco no entendimento das questões relativas à maneira como a língua refere o mundo. Para Mondada e Dubois (2003), atravessou a história do pensamento ocidental a crença numa relação de correspondência entre as palavras e as coisas – língua como espelho do mundo –, resultando na ilusão da objetividade da língua: “a hipótese de um poder referencial da linguagem que é fundado ou legitimado por uma ligação direta (e verdadeira) entre as palavras e as coisas” (p. 19). Contudo, atualmente sabe-se que “não há um caminho direto, especular, da língua para o mundo” (MARCUSCHI, 2007, p. 40), já que “os sujeitos constroem, através de práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas, versões públicas do mundo” (MONDADA & DUBOIS, 2003, p. 17), em um sistema de coprodução discursiva.

Houve, portanto, uma mudança de ponto de vista: do dado ao em construção; da referência à referenciação; do sujeito encarnado ao sujeito sociocognitivo; do referente como objeto do mundo ao referente como objeto-de-discurso. Ressalta-se, nesse sentido, a relação indireta entre os discursos e o mundo.

Assim, para este trabalho, é importante destacar o caráter sensível a modificações contextuais e visões intersubjetivas que os objetos-de-discurso carregam. Tais objetos não estão disponíveis como uma categoria estável, pronta e única para ser empregados. Ao contrário, as referenciações “podem mudar para o mesmo indivíduo a depender das circunstâncias a que ele estiver submetido” (MARCUSCHI, 2007, p. 75). Nesse sentido,

A maneira como dizemos aos outros as coisas é muito mais uma decorrência de nossa atuação discursiva *sobre* o mundo e de nossa inserção sócio-cognitiva no mundo pelo uso de nossa imaginação em atividades de ‘integração conceitual’, do que simples fruto de procedimentos formais de categorização linguística. (MARCUSCHI, 2007, p. 86)

O dizer é, pois, influenciado por atividades coletivas de elaborações sociais do mundo, nas relações instauradas pelos interlocutores situados sócio-historicamente, o qual é linguisticamente comunicado através dos mecanismos textuais disponíveis.

2. Progressão referencial: as cadeias referenciais

Segundo Marcuschi (2007), o processo de referenciação é construído discursivamente, de maneira progressiva, até a identificação de algo. Nessa construção se dá a progressão referencial do texto, caracterizada como a “introdução, preservação, continuidade, identificação, retomada etc. de referentes textuais, [relações] tidas como estratégias de designação de referentes” (KOCH & MARCUSCHI, 1998). Assim, no curso da progressão textual, os objetos-de-discurso são introduzidos, modificados, desativados, reativados, recategorizados, numa relação complexa, dinâmica e criativa entre linguagem, mundo e pensamento, estabelecida no discurso (KOCH & MARCUSCHI, 1998; KOCH, 2006).

De acordo com Koch (2006), a progressão textual se baseia no *já dito*, no que *será dito* e no que *é sugerido*, renovando as condições da textualização e a consequente produção de sentido. Conforme Roncarati (2010) e Koch (2008), a progressão referencial desenvolve as *cadeias referenciais*, as quais mantêm o foco no objeto-de-discurso criado, a partir da retomada ou remissão a este objeto.

Por outro lado, pode ocorrer a desativação/desfocalização do objeto-de-discurso que se encontrava anteriormente em foco, passando então a ocupar posição marginal, ou seja, nos termos de Schutz (1970), deixando a posição de *tema* e passando para o *horizonte*, para dar lugar a um novo objeto que passará a ocupar o foco. O objeto desativado, contudo, permanece em estado *stand by*, disponível, portanto, para voltar ao foco sempre que necessário. Assim, após um período de afastamento, o objeto pode ser trazido de volta ao foco, dando continuidade à cadeia referencial anteriormente iniciada. (Koch, 2008, p. 102. Grifos no original.)

O estudo do texto por meio de tais cadeias é proposto por Roncarati (2010), que apresenta um modelo de análise textual por *cadeias referenciais*, as quais são definidas

como um recurso linguístico e sociointerativo que proporciona o entendimento de como os processos referenciais auxiliam a construção e a integração dos sentidos. Segundo Roncarati (2010, p. 49-50), uma vez que o processamento textual é estratégico, “a constituição de CRs, ao facilitar o processo de integração dos elos semânticos, contribui para melhor delinear as condições textuais que decidem o acesso ao sentido (...)”. Ressalvando-se aqui, porém, que o sentido não é um *a priori* inscrito no texto, mas constitui-se em seus efeitos.

Nesse contexto, o modelo de análise textual por meio de cadeias referenciais é seguido neste trabalho como uma ferramenta que permite uma melhor visualização de como a progressão textual é construída, bem como de quais estratégias os produtores lançam mão para construir objetos-de-discurso e sentidos no texto, orientando a análise e a interpretação textuais.

2.1 Estratégias de progressão referencial

Estratégias referenciais são “hipóteses operacionais passíveis de ser modificadas e readaptadas, o que equivale a dizer que novos tipos de discursos e formas de comunicação podem requerer o desenvolvimento de novas estratégias” (RONCARATI, 2010, p. 139), a depender das características textuais e dos objetivos e conhecimentos de mundo do produtor. Koch (2006, p. 85) aponta como principais estratégias de progressão referencial:

- a) uso de pronome ou elipses;
- b) uso de expressões nominais definidas;
- c) uso de expressões nominais indefinidas.

A referenciação feita a partir do uso de pronomes (ou pronominalização), segundo Marcuschi (2008), é um fenômeno central como fator de organização textual. A pronominalização não é referencial por si mesma, pois há, entre a estrutura referida e o pronome, apenas uma relação morfossintática, sem quase nenhuma relação semântica (MARCUSCHI, 2008). A elipse torna possível a omissão de elementos dentro de uma oração: é a chamada anáfora zero. Para Roncarati, o preenchimento da elipse é feito por um elemento antecedente, recuperável com base em relações léxico-gramaticais, contribuindo para a manutenção da continuidade referencial.

No que se refere ao uso de expressões nominais indefinidas, ao contrário das definidas, elas não servem para fazer a retomada de referentes, sua função, de modo geral, é a de introduzi-los, num movimento de prospecção. Já o uso de expressões nominais definidas (ou descrições definidas) estabelece a *coesão referencial*, apresentando a seguinte configuração (KOCH, 2006; RONCARATI, 2010):

Det. + Nome

Det. + Modificador + Nome + Modificador

Det. = artigo definido, demonstrativo, Ø

Modificador = adjetivo + sintagma preposicional + oração relativa

As descrições definidas se desdobram, conforme sua natureza, em *formas remissivas referenciais* e *remissivas não referenciais*:

Formas remissivas referenciais: expressões nominais definidas, sinônimos, hiperônimos ou indicadores de classes, nomes genéricos, nominalizações, elementos metalinguísticos e elipses.

Formas remissivas não referenciais: artigos, numerais ordinais e cardinais, pronomes pessoais, pronomes substantivos, pronomes adjetivos, advérbios pronominais e pró-formas verbais. (RONCARATI, 2010, p. 60)

Segundo Koch (2006), as descrições definidas são portadoras de informações importantes sobre as opiniões, crenças e atitudes do produtor do texto, auxiliando o leitor na construção dos sentidos. Seu uso constitui-se de escolhas feitas de modo estratégico “em cada contexto, segundo a proposta de sentido do produtor do texto” (KOCH, 2013), levando o interlocutor a construir determinada imagem do referente.

Isto posto, podemos afirmar que tais escolhas têm um peso argumentativo sobre o dizer, e são reveladoras do impacto que a situação sócio-discursiva imprime na (re)construção de objetos-de-discurso. É o que constatamos a partir da análise das principais estratégias referenciais identificadas nos comentários de Arnaldo Jabor, apresentada na próxima seção.

3. Arnaldo Jabor fala de manifestações e manifestantes

Arnaldo Jabor, cineasta, jornalista, crítico e escritor brasileiro¹, assina uma coluna no Jornal da Globo em que exhibe semanalmente seu ponto de vista, a partir de comentários de cerca de três minutos, envolvendo questões voltadas, em sua maioria, para a política nacional e internacional. Seu estilo contundente, de posicionamento marcadamente de direita, provoca, muitas vezes, controvérsias.

Uma dessas controvérsias mais emblemáticas foi gerada após o comentário que Jabor proferiu no mesmo veículo no dia 12 de junho de 2013, em que criticou fortemente os protestos que se espalhavam pelo país, os quais tinham sido motivados, em um primeiro momento, pelo aumento do preço das passagens dos ônibus em São Paulo.² Após grande repercussão de forte teor negativo, que gerou intensa produção discursiva, circulando principalmente nas redes sociais, o comentarista mudou de tom e refez seu comentário, dando diferentes predicções aos objetos-de-discurso construídos em seu primeiro comentário.³

A seguir, apresentamos as transcrições dos dois comentários (Comentário 1 e Comentário 2). Nos quadros, na coluna da esquerda, entre colchetes, estão as entradas dos referentes no texto, e, na da direita, encontra-se a classificação das expressões referenciais. É importante salientar que, dados os nossos propósitos de pesquisa e o espaço de que dispomos neste artigo, nos limitaremos à análise das cadeias referenciais que dizem respeito à construção dos objetos-de-discurso “manifestação(ões)” e “manifestantes”, em ambos os comentários.

¹ Cf. o endereço <http://pensador.uol.com.br/autor/arnaldo_jabor/biografia/>

² Uma das respostas ao comentário de Arnaldo Jabor foi dada pelo compositor Caetano Veloso em seu *site* oficial. Cf.:

<<http://musica.terra.com.br/caetano-veloso-critica-jabor-e-diz-que-apoia-protestos-identificacao,2bb69d182b85f310VgnVCM500009ccceb0aRCRD.html>>.

³ O comentário no qual Arnaldo Jabor muda de opinião, exibido no dia 17/06, não está disponível no *site* do Jornal da Globo <<http://g1.globo.com/jornal-da-globo/>>, como os demais comentários proferidos pelo jornalista. Tivemos acesso a este pelo *site* You Tube. O que pode indicar essa ausência?

Comentário 1 (C1)

Mas, afinal, o que provoca um ódio tão violento contra a cidade [1]? Só vimos isso [2] quando a organização criminosa de São Paulo queimou dezenas de ônibus. Não pode ser por causa de 20 centavos.

A grande maioria dos manifestantes [3] são filhos de classe média [4], isso [5] é visível. Ali, não haviam pobres que precisassem daqueles vinténs, não. Os mais pobres, ali, eram os policiais apedrejados, ameaçados com coquetéis molotov, que ganham muito mal. No fundo, tudo [6] é uma imensa ignorância política [7]. É burrice misturada a um rancor sem rumo [8].

Há talvez a influência da luta na Turquia: justa e importante contra o islamismo fanático. Mas, aqui, \emptyset [9] se vingam de quê? Justamente, a causa [10] deve ser a ausência de causas [11]. Isso. Ninguém sabe mais por que lutar em um país paralisado por uma disputa eleitoral para daqui um ano e meio. O governo diz que tá tudo bem, apesar dos graves perigos no horizonte, como: inflação, fuga de capitais, juros e dólar em alta.

Por que \emptyset [12] não lutam contra o Projeto de Emenda Constitucional 37, a PEC 37, por exemplo? Que será votada no dia 26, no Congresso, para impedir o Ministério Público de investigar. Talvez eles [13] nem saibam o que é a PEC 37: a lei da impunidade eterna.

Esses caras [14] vivem no passado de uma ilusão. Eles [15] são a caricatura violenta da caricatura de um Socialismo dos anos 50 [16], que a Velha Esquerda, ainda defende aqui. Realmente, esses revoltosos de classe média [17] não valem nem 20 centavos.

Transcrito de: <<http://g1.globo.com/jornal-da-globo/videos/t/colunistas/v/arnaldo-jabor-fala-sobre-onda-de-protestos-contr-aumento-nas-tarifas-de-onibus/2631566/>>

[1] 1ª menção do referente feita por meio de expressão nominal indefinida acompanhada de modificador com função predicativa nominal; [2] Retomada de [1] por demonstrativo com função encapsuladora;

[3] Introdução de referente em 1ª menção por meio de expressão nominal definida, com sintagma preposicional; [4] Predicação de [3] por sintagma preposicional e nome-núcleo metafórico; [5] Retomada por demonstrativo com função encapsuladora; [6] Remissão implícita de [1] por pronomine indefinido com função encapsuladora;

[7] Predicação de [6] por expressão nominal indefinida; [8] Predicação de [6] por recategorização⁴ com homologação da predicação;

[9] Remissão implícita por elipse; [10] Retomada com uso de expressão nominal definida com nome-núcleo genérico; [11] Predicação de [10] por expressão definida mais sintagma preposicional;

[12] Remissão por elipse; [13] Retomada de [12] por pronominalização;

[14] Retomada do referente por expressão nominal definida com pronomine demonstrativo, nome-núcleo genérico; [15] Retomada de [14] por pronominalização; [16] Predicação de [15] por meio de expressão nominal modificada por sintagma preposicional, nome-núcleo metafórico; [17] Retomada de [14] por nominalização, com nome-núcleo genérico acompanhado de demonstrativo e modificador preposicional.

⁴ De acordo com Roncarati (2010, p. 147), “só há recategorização propriamente dita quando há remissão de uma expressão nominal predicativa a outra expressão nominal predicativa”.

Comentário 2 (C2)

À primeira vista esse movimento [1] parecia uma pequena provocação inútil [2] que muitos criticaram erradamente, inclusive eu.

Nós temos democracia desde 1985. Mas democracia se aperfeiçoa, senão decai. Entre nós, quase tudo acabava ou em pizza, ou em paralisia entre os três poderes. O Brasil parecia desabitado politicamente.

De repente, reapareceu o povo [3]. De repente, o Brasil virou um mar [4]. Uma juventude que estava calada desde 92 [5], uma juventude que nascia quando Collor caía [6], acordou.

∅ [7] Abriram os olhos e ∅ [8] viram que temos democracia, mas uma república inoperante. Os jovens [9] despertaram porque ninguém aguenta mais ver a república paralisada por interesses partidários ou privados.

Só há dois perigos: a tentação da violência e o vazio.

Se tudo [10] virar batalhas campais [11], a coisa [12] se destrói. Se ∅ [13] virar um movimento abstrato, genérico demais [14], tudo [15] se esvai. É preciso uma política nova se reinventando, mas com objetivos concretos. Como, por exemplo, a luta contra o Projeto de Emenda Constitucional 37, o PEC 37, que será votado à semana que vem, para limitar o Ministério Público, que defende a sociedade.

Se tudo [16] correr bem, estamos vivendo um momento histórico lindo e novo [17]. Os jovens [18] terão nos dado uma lição [19]. Democracia já temos. Agora, temos que formar uma república.

Transcrito de:

<<http://www.youtube.com/watch?v=oR5Gcq4Q5Rw>>

[1] Introdução do referente em 1ª menção, por meio de expressão nominal definida, determinada por pronome demonstrativo, nome-núcleo genérico; [2] Predicação de [1] por expressão indefinida;

[3] Introdução de referente em 1ª menção por expressão nominal definida, com nome-núcleo genérico; [4] Remissão com expressão indefinida com valor predicativo; [5] Retomada do referente por meronímia⁵, com expressão referencial indefinida modificada por oração relativa, com função predicativa; [6] Retomada por repetição de expressão referencial indefinida modificada por oração relativa, com recategorização por nova predicação;

[7] Remissão implícita por elipse; [8] Remissão implícita por elipse; [9] Retomada com uso de expressão nominal definida com nome-núcleo genérico;

[10] Remissão implícita do referente por pronome indefinido com função encapsuladora; [11] Predicação de [10] por sintagma adjetival, com valor atributivo; [12] Retomada com uso de expressão nominal definida com nome-núcleo metafórico; [13] Retomada de [10] por elipse; [14] Predicação de [13] por expressão referencial indefinida com valor atributivo; [15] Remissão implícita do referente por pronome indefinido com função encapsuladora;

[16] Remissão implícita do referente por pronome indefinido com função encapsuladora; [17] Recategorização do referente por meio de expressão indefinida com função predicativa; [18] Retomada por repetição de expressão nominal definida; [19] Remissão por expressão indefinida com função encapsuladora.

Acerca da construção dos objetos-de-discurso, em ambos os comentários, o que se percebe é a proeminência de predicativos do sujeito como recurso argumentativo. Além de revelar pouca (ou nenhuma) pretensão à imparcialidade, este recurso funciona como

⁵ A meronímia é a retomada de uma parte do referente já mencionado. Consideramos que “uma juventude” é parte de “o povo”.

rótulo avaliativo (KOCH, 2013), e quando representado por expressões nominais (C1 [7], [11], [16]; C2 [2], [14]) operam a (re)categorização, de acordo com Koch (2008), no interior da própria predicação, ou seja, no “fio do discurso”.

Baseada em Koch (2009), Roncarati (2010) diz que “quando o objeto [de discurso] é introduzido por uma expressão nominal, temos uma primeira *categorização* do objeto. Mas nos casos de remissão de uma expressão nominal a uma outra expressão nominal temos uma *recategorização*” (grifo no original, p. 52). No Comentário 1 (C1), podemos perceber esse processo em [1] e [10], quando *um ódio tão violento contra a cidade* é retomado por *a causa*, em que se destaca um tom irônico nessa construção; e com um tom pejorativo em [14] e [17], em que o comentarista utiliza *Esses caras* e *esses revoltosos de classe média* na referenciação aos manifestantes.

Para “melhor flagrar” as estratégias de referenciação ativadas no universo textual de Jabor, apresentamos no quadro (Quadro 1), abaixo, a conformação das cadeias referenciais delineadas na construção dos objetos-de-discurso em foco neste trabalho, de acordo com o modelo sugerido por Roncarati (2010):

Quadro 1

REFERENTE	COMENTÁRIO 1	COMENTÁRIO 2
MANIFESTAÇÕES	um ódio tão violento contra a cidade [1] → isso [2] → tudo [6] → uma imensa ignorância política [7] → burrice misturada a um rancor sem rumo [8] → a causa [10] → a ausência de causas [11]	esse movimento [1] → uma pequena provocação inútil [2] → tudo [10] → batalhas campais [11] → a coisa [12] → ∅ [13] → um movimento abstrato, genérico demais [14] → tudo [15] → tudo [16] → um momento histórico lindo e novo [17] → uma lição [19]
MANIFESTANTES	A grande maioria dos manifestantes [3] → filhos de classe média [4] → isso [5] → ∅ [9] → ∅ [12] → eles [13] → Esses caras [14] → Eles [15] → a caricatura violenta da caricatura de um Socialismo dos anos 50 [16] → esses revoltosos de classe média [17]	o povo [3] → um mar [4] → Uma juventude que estava calada desde 92 [5] → uma juventude que nascia quando Collor caía [6] → ∅ [7] → ∅ [8] → Os jovens [9] → Os jovens [18]

É possível, de forma comparativa, observar por meio do Quadro 1 a mudança de tom de um comentário para outro, provocada pela situação comunicativa. Os objetos-de-discurso recebem denominações e predicações completamente diferentes depois da reconfiguração do cenário discursivo promovida pelo impacto do primeiro comentário, a ponto de um desavisado considerar que foram pessoas diferentes, com opiniões e posicionamentos políticos sócio-historicamente diversos, que produziram cada texto. Só para ilustrar essa mudança, de *uma imensa ignorância política* (C1 [7]), as manifestações passaram a ser categorizadas como *um momento histórico lindo e novo* (C2 [17]); e de *esses revoltosos de classe média* (C2 [17]), os manifestantes foram classificados como, simplesmente, *os jovens* (C2 [9] e [18]).

A partir de tal comparação, destacamos a função argumentativa dos processos de referenciação. As estratégias identificadas mostram a presença frequente de predicações, nomes-núcleo metafóricos, encapsulamentos, além de ironias e termos de caráter pejorativo (no C1, principalmente), que oscilam de um comentário para outro, evidenciando diferentes “projetos de dizer” do produtor e a instabilidade da própria língua.

Essa constatação confirma a tese defendida por Marcuschi (2007, p. 80): “não são os fatos que produzem as significações presentes em nossas compreensões e sim as nossas compreensões que fundam e constroem as significações que atribuímos aos fatos”.

Considerações finais

A realidade é uma construção mediada pelo discurso. Através da interação social, e tudo nela envolvido, construímos nossos mundos. A fabricação de cadeias referenciais, por sua vez, é uma estratégia de análise que permite a visualização dos desdobramentos que os referentes recebem na construção dos objetos-de-discurso.

No nosso caso, com a análise, foi possível visualizar os diferentes momentos de produção discursiva, que resultaram em diferentes formas de elaboração dos objetos-de-discurso “manifestações” e “manifestantes”, em ambos os comentários. Destacamos como estratégia de referência mais produtiva nos comentários observados a (re)categorização por meio de predicativos do sujeito, o que confere ao dizer comprometimento com rótulos avaliativos que oscilam de um comentário para outro, resultando em uma argumentação frágil, instável e tendenciosa.

Contudo, mais do que identificar referentes e representações, importa, aqui, observar as maneiras de os interlocutores se colocarem no mundo, em um sistema de coprodução discursiva, construindo e compartilhando cosmovisões, em contextos de uso socialmente estabelecidos e partilhados.

Referências bibliográficas

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. Como se constroem e reconstroem os objetos de discurso. *Investigações*. Programa de Pós-graduação em Letras/UFPE. Recife: Ed. Universitária, vol. 21, no. 2, p. 99-114, 2008.

_____. Referência e orientação argumentativa. In: KOCH, I. V. G.; MORATO, E. M. M.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Referência e discurso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

KOCH, Ingedore V.; MARCUSCHI, Luiz Antônio. Processos de referência na produção discursiva. *D.E.L.T.A.* vol. 14. no. Especial. 1998. p. 169-190. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44501998000300012&script=sci_arttext#nt04>. Acessado em 10/01/2014.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso: uma abordagem dos processos de referência. In: CAVALCANTI, Mônica M.; RODRIGUES, Bernadete B.; CIULLA, Alena. *Referência*. São Paulo: Contexto, 2003.

RONCARATI, Cláudia. *As cadeias do texto: construindo sentidos*. São Paulo: Parábola, 2010.